

MEMÓRIA, SILENCIAMENTO E HISTÓRIA: ASPECTOS DA LITERATURA MOÇAMBICANA NO PÓS-INDEPENDÊNCIA

Aline Adelaide Alves¹ ; Eliane Veras Soares²

¹Estudante do Curso de Ciências Sociais - CFCH – UFPE; E-mail: alineadelaide@gmail.com,

²Docente/pesquisador do Depto de Sociologia – CFCH – UFPE. E-mail: elianeveras1@gmail.com.

Sumário: Neste subprojeto, vinculado ao projeto “Literaturas em África e leituras brasileiras: estruturas de sentimento entrecruzadas?” e desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa “Sociedade Brasileira Contemporânea: cultura, democracia e pensamento social”, intento aprofundar uma importante dimensão da literatura moçambicana no período do pós-independência: a presença de vozes dissonantes e silenciadas e o papel da memória no contexto de formação de um projeto de nação fundamentado no apagamento do passado colonial, na tentativa de superação da diversidade étnico-cultural, e na construção de um Homem Novo, moldado a partir de “valores revolucionários”, inspirados em certa concepção socialista de sociedade. Esse trabalho foi realizado através do levantamento e da análise da bibliografia produzida sobre o tema e da obra literária *Entre memórias silenciadas* (2013), escrita por Ungulani Ba Ka Khosa.

Palavras-chave: esquecimento; literatura; memória; Moçambique

INTRODUÇÃO

Este subprojeto é vinculado ao projeto de pesquisa “Literaturas em África e leituras brasileiras: estruturas de sentimento entrecruzadas?”, desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa “Sociedade Brasileira Contemporânea: cultura, democracia e pensamento social”, inserido na Linha de Pesquisa “Arte e Política: Literatura, cinema e artes visuais na América Latina e África” que tem por objetivo a análise sociológica das práticas artísticas, das políticas culturais e da produção de bens simbólicos em contextos de afirmação de outras modernidades. O projeto “Literaturas em África e leituras brasileiras: estruturas de sentimento entrecruzadas?” tem como objetivo geral o de investigar os processos de construção e transformação das estruturas de sentimento referentes aos processos de construção da identidade nacional no Brasil e nos países de africanos de língua oficial portuguesa, em especial Moçambique. Este objetivo desdobra-se em três objetivos específicos, a saber: a) apontar os elementos presentes nas estruturas de sentimento – “mestiçagem harmoniosa”, “africanizante”, no caso do Brasil; e “afirmativa”, no caso dos países africanos de língua oficial portuguesa, em especial Moçambique - no que concerne à formação da identidade nacional; b) diferenciar os significados atribuídos à mestiçagem no Brasil e em Moçambique, a partir da literatura de Jorge Amado e da literatura moçambicana contemporânea; c) interpretar de que modo as literaturas produzidas aqui e em Moçambique tem contribuído para a formação e o entrecruzamento de estruturas de sentimento referentes à identidade nacional nos dois países.

O subprojeto aqui exposto visou aprofundar uma importante dimensão da literatura moçambicana no período pós-independência: a presença de vozes dissonantes e silenciadas e o papel da memória no contexto de formação de um projeto de nação fundamentado no apagamento do passado colonial, na tentativa de superação da diversidade étnico-cultural, e na construção de um Homem Novo, moldado a partir de “valores revolucionários”, inspirados em certa concepção socialista de sociedade.

Um dos autores que compõem a análise aqui elaborada é Seligmann-Silva (2003), que trabalha com a literatura de testemunho e propõe uma nova abordagem do fato literário a partir do conceito de “teor testemunhal” pois através desse tratamento se considera a especificidade do “real” que está na base da literatura e as modalidades de marca e rastro que esse “real” imprime na escritura. Ele afirma que as aporias entre o lembrar e o esquecer e seus desdobramentos no debate entre a memória e a história são algumas das questões que estão na base da reflexão sobre testemunho, o que torna, portanto, essa perspectiva fundamental para este subprojeto. Levando em consideração a análise deste e de outros teóricos, este subprojeto se debruça sobre um período da literatura moçambicana no qual os sonhos de construção de um ideal de nação – característico do período nacionalista e negritundista - passaram ser substituídos por um questionamento das “razões que transformaram a delimitação de fronteiras e as políticas de pertença e cidadania em espaços de conflito aberto”, como sugere Maria Paula Meneses (2012, p.311). Portanto, este subprojeto trata da problemática da reconstrução da memória, tomando a literatura produzida no pós-independência como elemento revelador da crítica sobre o presente.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho foi realizado através do levantamento bibliográfico sobre o tema proposto, seleção dos livros e capítulos necessários e leitura dessa bibliografia. Para melhor aproveitamento dessa leitura, foram produzidos fichamentos que incluíam os tópicos fundamentais da argumentação do autor, os temas e conceitos abordados que seriam úteis para a compreensão do tema do projeto, além dos questionamentos sobre os textos. Esses fichamentos foram discutidos nas reuniões entre orientadora e orientanda, sanando as dúvidas, fazendo novos apontamentos e elaborando novas questões. Além disso, cursei a disciplina Sociologia da Literatura, no período 2014.2, como atividade de pesquisa, tendo entrado em contato com autores da literatura angolana, importante contraponto com esta pesquisa.

Estabelecemos e seguimos o seguinte cronograma baseado em tópicos temáticos essenciais para atingir os objetivos estabelecidos:

1ª parte: Referencial teórico

2ª parte: Literatura secundária sobre Ungulani Ba Ka Khosa

3ª parte: Leitura das obras

RESULTADOS

O país de que tratamos nesse subprojeto é Moçambique. Em Moçambique a literatura se torna uma importante forma de compreensão da sociedade, visto que muitos dos atuais escritores procuram reescrever sua nação, efetuando uma revisão crítica do outrora, da história narrada pelos colonizadores, de modo a serem ouvidas vozes que foram abafadas durante séculos (SECCO, 2012). Nesse subprojeto analisamos, no chamado terceiro período da literatura moçambicana, o pós-independência, a questão da memória e do esquecimento. Esse período da literatura moçambicana possui diversos escritores representativos que seriam interessantes para a análise. Entretanto, constatada a amplitude do projeto e considerando o conjunto das leituras já realizadas desde o primeiro ano do PIBIC (2013-2014), optamos pela escolha de um autor, Ungulani Ba Ka Khosa, e de uma obra, *Entre memórias silenciadas*, publicada em 2013 e ainda pouca estudada.

Ungulani Ba Ka Khosa (pseudônimo de Francisco Esaú Cossa) é um escritor e professor de História em Moçambique, atualmente diretor do Instituto Nacional do Livro e do Disco. Nasceu em Inhaminga, província de Sofala, Moçambique, no dia 1 de agosto de 1957. Iniciou a sua carreira como escritor com a publicação de vários contos e participou da fundação da revista Charrua da AEMO. Como afirma Martin (2012), uma das principais

estratégias narrativas de Ungulani é a recriação da oralidade. Também é marcante a sua perspectiva disfórica, capaz de tensionar o real. Além disso, a violência é recorrente, bastante vinculada às guerras, condicionando o modo como os personagens se relacionam e o andamento da narrativa. A perspectiva disfórica é bastante presente no livro selecionado, pois este mostra a traição dos ideais e das expectativas da independência por parte dos membros do governo instituído no pós-independência.

A obra escolhida, *Entre memórias silenciadas* (2013), trabalha a história recente de Moçambique, com enfoque nos campos de reeducação, que foram estabelecidos após a independência do país, em 1975. O livro mostra os conflitos e a insatisfação dessa geração que não mais se identifica com determinados ideais da revolução, em especial a construção do “homem novo” moçambicano, que se pautava pela “superação” das tradições e das religiões nativas e pela inclusão da disciplina como força formadora de uma nova mentalidade. O autor monta o retrato completo do pós-independência, mostrando como as pessoas eram obrigadas a se comportar, a falar e a se vestir de determinada maneira e a que procedimentos tinham que se submeter para não serem punidas. Retrata também a vivência dos campos de reeducação, alheios ao resto do país. Na obra, busca-se um reencontro com a tradição e um reavivamento da memória da nação, ao mesmo tempo em que se problematiza a realidade produzida com o processo revolucionário. Nessa obra, portanto, as dimensões da memória e do esquecimento são trabalhadas e, ao tratar dos campos de reeducação e das consequências das guerras de libertação nacional e de desestabilização, possui o “teor testemunhal” que Seligmann-Silva (2003) aponta como característico de obras nascidas de ou que tem por tema eventos-limite.

DISCUSSÃO

O meio do qual parto para poder estudar memória, silenciamento e história no pós-independência é a literatura. Dentro do campo da crítica literária existem muitos autores bons, com obras e análises interessantes, mas Candido foi selecionado como referencial teórico porque ele considera a dimensão estética e artística do fazer literário sem desconsiderar a dimensão social que permeia a obra e o autor. Há, portanto, uma tensão entre a sociologia da literatura e a crítica literária, e esse trabalho se propõe a fazer análise sociológica sem desconsiderar as análises literárias.

Para fazer a relação entre literatura e memória, trabalhei com a perspectiva de Mata (2006). No texto escolhido ela analisa duas obras literárias africanas à luz da questão da memória. Ela afirma que as literaturas africanas têm funcionado, no percurso da sua existência, como *textos-memória* da História dos países. Em seu período de emergência e consolidação, essas literaturas afirmavam a nação e a identidade dos seus países, tornando-se elementos da luta pela independência. Já no período pós-colonial, essas literaturas continuam a falar da nação, mas de forma diferente, retratando os conflitos entre o que a nação é e o que deveria ter sido, trazendo a “fragmentária memória incômoda de diferenças, intolerâncias, conflitos, traições e oportunismos, numa enunciação narrativa predominantemente de modo evocativo, através da qual se convoca um passado bem diferente daquele antes textualizado – histórico, não já idealizado” (MATA, 2006, p.17). Esse tipo de crítica é bem visível na obra em questão, na qual Ungulani faz questão de mostrar por quais tipos de privações e sofrimentos a população moçambicana teve de se submeter após a independência.

Mata (2006) afirma que no período pós-colonial há a continuidade da lógica colonial de dominação, agora internalizada nas relações de poder da própria sociedade descolonizada. Essa questão também é clara na obra aqui estudada, na qual Ungulani mostra a posição privilegiada que certos setores da sociedade possuem.

Martin (2012) argumenta que o testemunho – um relato pessoal da memória - deve ser entendido como afirmação de uma memória pública. Dessa forma a literatura que retrata essa memória ajuda a problematizar as ausências do discurso histórico oficial, a mostrar aquilo que determinados interesses preferiam esconder. Ungulani deixa claro, na sua narrativa, que certas coisas não podem ser escondidas ou silenciadas, e que o bem-estar da nação depende da problematização dessas questões.

Para Seligmann-Silva (2003), a literatura de testemunho se articula entre a necessidade de narrar a experiência vivida e a percepção dos fatos serem inenarráveis, pois a linguagem é insuficiente, além de serem inimagináveis, tornando a sua narração, portanto, inverosimilhante. Dessa forma, como no caso de Ungulani, o autor é forçado a utilizar diversas estratégias narrativas que repassem ao leitor, de alguma forma, parte da experiência que está sendo narrada.

CONCLUSÕES

Tendo em vista os objetivos supracitados, busquei articular as concepções dos teóricos que estudam memória e literatura com a interpretação da obra *Entre as memórias silenciadas* (2013), em particular, e do trabalho de Ungulani Ba Ka Khosa, em geral. Essa obra mostrou-se bastante representativa das questões que permeiam o pós-independência moçambicano. Torna-se evidente o papel que a memória, através do teor testemunhal e da sua expressão literária, tem na revelação das vozes dissonantes e silenciadas no contexto de formação e consolidação de um projeto de nação baseado, principalmente, na tentativa de superação da diversidade étnico-cultural. Como os autores aqui trabalhados apontaram, a discussão da memória e do que entrou para o esquecimento é fundamental para aproximarmos um pouco mais da realidade do sofrimento e comover-nos em direção a uma pacificação dos conflitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica concedida para a realização desta pesquisa, assim como a minha orientadora, Eliane Veras Soares, e aos membros do Grupo de Pesquisa Sociedade Brasileira Contemporânea e do Grupo de Literatura de Mulheres que contribuíram para minhas reflexões.

REFERÊNCIAS

- KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Entre Memórias Silenciadas*. Maputo: Alcance, 2013.
- MARTIN, Vima. Entre a violência e a vertigem: uma leitura de *Orgia dos loucos*, de Ungulani Ba Ka Khosa In FONSECA; CURY (Org.). *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.
- MATA, Inocência. Laços de memória: a escrita-testemunho como terapêutica na literatura africana – os casos de Angola e Costa do Marfim In MATA, Inocência. *Laços de Memória & Outros Ensaios Sobre Literatura Angolana*. Luanda: UEA, 2006.
- MENESES, Maria Paula. Nação e narrativas pós-coloniais: interrogações em torno dos processos identitários em Moçambique. In LEITE; OWEN; CHAVES; APA (Org.). *Nação e narrativa pós-colonial I: Angola e Moçambique – Ensaio*, Lisboa, Edições Colibri, 2012, p.311-322.
- SECCO, Carmen Lucia. Os Outros Pés da História In LEITE; OWEN; CHAVES; APA (Org.). *Nação e Narrativa Pós-colonial I: Angola e Moçambique – Ensaio*. Lisboa: Colibri, 2012.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, Memória, Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003.